

A MASCULINIDADE AFETADA

* Professora de Psicologia da Religião no ITESP e terapeuta do Instituto Terapêutico Acolher, especializado no atendimento a religiosos.

*Eliana Massih**

Resumo:

A a. ancorada nos movimentos sociais que se tornaram mais visíveis a partir dos anos '60, busca elaborar uma fisionomia da sexualidade masculina diante da nova mulher. O ponto de partida seria uma nova relação com a afetividade, e mais especificamente, com a corporeidade, ou com a ditadura de um modelo de belo. Entretanto, segundo a autora, aos contemporâneos apresenta o desafio em que homens inteiros — que vivenciam a dimensão emocional de modo integrado e superam o encantamento cego e a sedução irrefletida — buscam um diálogo permanente com o feminino. Afinal, sexualidade é em sua essência uma comunicação.

Palavras-chave:

Masculinidade; Sexualidade: masculino.

Estes comentários foram gestados a partir de uma breve leitura do texto de Fabri dos Anjos que fala de uma certa e nova masculinidade.¹ O autor, afetado pelas mudanças no modo de ser feminino, permitiu-se falar de si e do seu gênero neste mundo que se reconstrói desde que na década de '60 um grupo de feministas roxas resolveram queimar seus *soutiens* em praça pública. Muito apropriadamente, Fabri se atém às mudanças no feminino como *afetantes* do novo jeito de ser masculino. Afetantes porque mobilizam afetos e estes são um modo absolutamente próprio de ser dos humanos. A afetividade não é uma função psíquica em particular, ela é a própria base do psiquismo.

Os bebês humanos crescem e se desenvolvem numa bolha de afetos vindos da mãe e do ambiente que deles cuida. Os adultos aprendem bem cedo a ser afetados mas alguns se es-

¹ Cf. M. FABRI DOS ANJOS, Breves notas sobre a nova masculinidade. *CONVERGÊNCIA*, 39 (2004), 375, pp.

quecem ou ocultam este saber invisível e vivem lutando contra as emoções suscitadas pela presença do outro.

Quando as mulheres passaram a ter voz e vez, sua primeira postura foi a de caracterizar sua presença no mundo, dar nome ao que, experiencialmente, já ocorria: sua influência na sociedade, suas emoções postas a serviço das escolhas, suas necessidades e desejos, mas sobretudo o exercício do elemento feminino mais primordial, isto é, dizer sim às demandas de uma sociedade que ansiava por sua presença produtiva e engajada.

De lá para cá muito se tem feito e muito tem mudado nas relações que se estabelecem entre os homens e as mulheres na vida laica e na vida consagrada. Excessos ocorreram das mais variadas formas, entre elas a pior maneira de se destacar: algumas mulheres viraram *homens*, repetindo a ânsia de poder e autoritarismo, ocultando-se de seus afetos, impondo-se *pela força*. Outras, creio que na sua maioria, realizaram percursos de luta mantendo estreito vínculo com suas emoções e ensinando os homens mais preparados a crescer em direção a uma comunicação amorosa e honesta.

Muitos homens aprenderam a brincar de pensar junto, de ouvir o que elas tinham a dizer e, paradoxalmente, tocá-las neste jogo de espelhos e afetos.

Eu mesma, agora que iniciei a conversa, lembrei-me de ter sido tocada anteriormente pelos comentários de outro teólogo² a respeito da eleição de uma mulher para a presidência da CRB nacional. E ainda, um terceiro teólogo³ encantou-me com sua intuição pedagógica ao orientar seus alunos para a apreciação e análise de poemas de Adélia Prado, entre outros.

E a partir destes lugares podemos falar da nova masculinidade que leva em conta não bandeiras e ideologias mas emoções nascidas nas vísceras de pessoas que se alegram com o novo, recebendo-o como fonte de vida e aprimoramento.

Não é que as mulheres não falassem antes da década de '60 e nem que os homens não acolhessem seu saber. É que a coisa se dava por debaixo do pano. Assustados aqui e ali, a comunicação se processava de um modo a que chamaremos de desonesto. Elas seduzindo para obter o que desejavam e eles cedendo, quase sempre de modo inconsciente, irrefletido, ou negando, de modo autoritário, guiados pelas razões do poder.

As mulheres se liberaram por questões de ordem histórica e social e, mudando seu modo de apresentar-se ao mundo, afetaram o tórax e o abdômen dos homens que se arriscam a transferir suas decisões e escolhas para o âmbito da sabedoria que se oculta nas emoções que sentem.

Estes homens querem fazer parte e interferir no projeto cultural que faz do mundo um lugar de constituir identidade e

² Edênio VALLE, entre outros assuntos, parabeniza e se alegra com a eleição de Ir. Maris Bolzan para a presidência da CRB Nacional. Cf. *Memória Histórica*. As lições de uma caminhada de 50 anos. Rio de Janeiro, Publicações CRB, 2004, p. 10ss.

³ Orientados por Alexander Otten, os autores analisam, entre outros, poemas que falam do mundo feminino utilizando o cotidiano como categoria de compreensão. Para mais detalhes, veja-se: SARAIVA, A. P. — GOMES, R., *Poesia: Revelação do divino no cotidiano*. ESPAÇOS, 12 (2004), pp. 53-70.

⁴ Cf. M. FABRI DOS ANJOS, *Breves notas*, op. cit., p. 408.

presença comprometida com o novo. Muito propriamente, Fabri dos Anjos, fala de administrar emoções suscitadas por este irromper de eventos cuja representação visível inclui brincos, esmaltes e batons mas que certamente se referem a relações de poder e capacitação profissional.⁴

O fenômeno afeta igual e diretamente nossos jovens cujas experiências de vida comprovam a força e a coragem de mulheres que lhes forneceram educação e afeto, algumas vezes sem o apoio da presença masculina. Infelizmente esta é uma realidade cultural, especialmente no contexto brasileiro, com a qual os que lidam com a juventude tem que se haver diariamente.

Em oposição ao fato cultural da ausência dos homens no cuidado aos filhos, outros mais preparados se deixam afetar e refletem, fazendo da realidade uma fonte de *investigação*. Talvez as mulheres tenham crescido em função de necessidades prementes e mesmo de sua característica de amoldar-se. Talvez também alguns homens, jovens ou mais velhos, imitem as mulheres utilizando-se da expressão corporal para mostrar sua adesão às vencedoras. Certamente aqui o perigo se inicia, pois identificação é diferente de imitação. Identificação corre fundo nas veias de quem está se tornando pessoa, enquanto imitação refere-se a uma primeira adesão, quase como um decalque impermeável.

CUIDAR *VERSUS* CULTUAR

A corporeidade se constrói de comportamentos, atitudes, uso e apropriação do corpo em conexão com os *afetos fundantes*. A corporeidade é base para identificações profundas que não se esgotam no visual. Não quero com isso dizer que qualquer adereço que vise adornar o corpo de um homem ou qualquer recurso estético-cosmético usado por uma mulher seja inautêntico. Deste modo estaria me contradizendo pois eu mesma cuido de meu visual, como se fala hoje em dia, utilizando-me deles.

A questão passa por aí: cuidar ou cultuar?

Cuidar, sendo próprio de quem é gente, alimenta o coração e gera novas formas de cuidado no modo do elogio, da gratificação espontânea. Cuidar é ecológicamente correto.

Cultuar retrocede e faz sentir algo desarmônico, quase que gerando desconfiança. Se cuido de meu corpo e do que vou oferecer ao mundo, espalho uma onda benéfica e benévola de bem estar. Se cultuo, alimento o poder que, mudado de mãos, coloca na estética globalizada o crivo do bom e do belo.

Recentemente fui tocada — ou afetada, como queiram — por uma pesquisa realizada na Universidade de São Paulo que

constata a diferença de tratamento recebida em órgãos públicos e privados por aquelas pessoas consideradas bonitas em detrimento das consideradas feias. Esta constatação tão pouco elogiosa de nós humanos fez-me pensar no sofrimento oculto nas decisões de se mudar o visual ou acrescentar-se de adereços e mesmo próteses estéticas hoje à disposição no mercado.

Chego a me alegrar quando me deparo com alguém assumindo um nariz algo maior do que o normal (o que é normal?), cabelos brancos que falam da passagem do tempo ou calvície prematura. Mas já aprendi a incomodar-me com gordura a mais no abdômen, por saber as implicações deste fato para a saúde do portador. Assim, quando se trata de um paciente, façam-me de erudita — o que às vezes pode ser estético — e lhes digo uma frase aprendida com meu professor de Latim há muitos anos: *Post prandium, aut stabis aut mille passus dabis*

Estimulo o mesmo a exercitar-se ou comprar um tênis mais confortável com a certeza de não estar incentivando o consumo excessivo. Ao estimulá-lo a exercitar-se, estou lhe dizendo: Sinta o seu corpo em movimento e não fique apenas se acrescentando de alimento pois é no movimento que as reações se dão e não no acréscimo.

A maior parte dos humanos quer ser bom e belo e a minoria que se identifica com os bandidos dos filmes ou com figuras malévolas de autoridade parece-me necessitar de ajuda, seja espiritual, psicológica ou ambas. A corrida para a conquista de uma identidade e um lugar no mundo faz com que nos utilizemos dos mais variados recursos e aqueles externos são historicamente a porta de entrada para os considerados mais profundos.

Se após os anos sessenta, nossos religiosos passaram a guardar seus hábitos nos armários, em nome de um maior compromisso com a realidade social, hoje muitos dos jovens que procuram a vida religiosa o fazem motivados por outros possíveis diferenciais: a cruz, túnicas e capuzes ou aventais femininos que denunciem a entrada no noviciado. São os modismos falando de algo mais profundo, talvez o desejo de retomada dos valores, da volta da credibilidade nas figuras de poder e, mais fundo ainda, da necessidade de ser preenchido por sentido e pertença num mundo tão disperso e paradoxalmente esburacado pelo próprio excesso. O ruim é quando não ocorre o preenchimento e sim o mero acréscimo, a solução paliativa ou protética.

BUSCA EM DESAFIO

Voltemos a nosso tema central: a masculinidade afetada. Bem, se homens maduros sentem seu abdômen gelado e/ou seu tórax comprimido diante de mudanças de comportamento

das mulheres, o que diremos de jovens que mal saídos da infância, vêm-se na urgência de escolher o que é eficaz para sua entrada e reconhecimento no mundo. Assim, imitam e repetem, o que difere em muito de deixar-se afetar, pois só alguém inteiro e atento permite-se ser envolvido por esta onda de feminilidade que desabrocha na sociedade.

O que de fato eu perguntaria é: que onda é esta? Suponho que o elemento feminino autêntico desabrocha no dizer sim aos pedidos de uma masculinidade que diagnostica o que falta no mundo para torná-lo melhor.

Homens inteiros falando de situações e expressões do mundo feminino que os transformam e afetam, fazem aprimorar a comunicação entre os sexos. Agora não mais pelo encantamento cego e tampouco pela sedução irrefletida, mas pela construção de um diálogo permanente.

Hoje, para compreendermos o diferente fazemos uso dos sentidos e damos continuidade ao impacto das primeiras emoções para então apreender o que ainda está escondido. Hoje nos comprometemos com a experiência e transformamos nossos comportamento e atitudes.

O gênero masculino, ao ser afetado, cresce e gera novas formas de identidade que servirão de modelo para as novas gerações. Os jovens não aceitam mais princípios ou ideologias sem o pleno teste de realidade dos mesmos. Os jovens desejam ver adultos plenos e realizados e realizando-se a cada dia.

Cabe aos mais experientes a inteligência de deixar emergir as expressões para então poder escutá-las; pois as expressões não são respostas preparadas para agradar ou desagradar — o que é a mesma coisa — e sim modos de comunicar o que ainda não está representado. Não está representado e, no entanto, é real e interfere nas escolhas e posicionamentos diante da vida. O que o jovem expressa em sua corporeidade, diz algo de nós, maduros. E diz de modo plástico e visível: quero ser como vocês ou não quero ser como vocês; querendo ser ou não querendo ser como nós, colocam-nos à prova e cobram nossa escuta ativa.

Talvez o que melhor fale do ser afetado por algo ou alguém seja a não-representação. O que ainda não está representado em palavras ou conceituações pode ser captado de modo genuíno pelo que chamo de escuta ativa, para então se transformar em pedagogia. Pedagogia baseada em escuta ativa das manifestações da sociedade, do feminino e do masculino presentes em cada um de nós, dos impactos corpóreos diante do novo.

Talvez a sexualidade também possa amadurecer quando se ampliar e for de fato vivida como comunicação intra e interpessoal e não como defesa para o enfrentamento do jogo relacional, do encontro genuíno com o outro a quem afetamos e por quem somos afetados.

Afeto, bem como sexualidade, tem cor e cheiro antes de ter nome e sobrenome. Afeto é visceral antes de ser cerebral. Afeto é motivação para a continuidade do existir e como tal deve ser cultivado por homens e mulheres em busca de um mundo melhor. Homens maduros que escutam o feminino, as novas masculinidades e tudo aquilo que fala do novo no mundo ensinam a comunicação inter-pessoal e intersexual de modo exemplar.